

## **Rogai por Nós: Histórias de Fé que Cruzaram Nossos Caminhos<sup>1</sup>**

Anamaria Rodrigues MACHADO<sup>2</sup>

Layane Maria Vieira PALHARES<sup>3</sup>

Luciene de Oliveira DIAS<sup>4</sup>

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### **RESUMO**

O presente trabalho propõe, por meio de um livro-reportagem, relatar histórias de pessoas que participam da festa em louvor a Nossa Senhora das Graças, no município de Itumbiara - GO. São 14 capítulos que apresentam pessoas consideradas anônimas, que possuem histórias extraordinárias envolvendo a fé e seu amor pela Santa. Utiliza o jornalismo literário como base para fugir às fórmulas engessadas do jornalismo convencional, e, por meio da desconstrução dos padrões, traz a arte de contar histórias de uma forma mais humana, sensível e aprofundada. De forma que a singularidade dos entrevistados fosse captada, optou-se por utilizar suas memórias como fonte primordial de informação, já que através do diálogo as autoras tiveram como resultado suas histórias de vida, intimidades e lembranças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Literário; Livro-reportagem; Histórias de vida; Fé; Nossa Senhora das Graças.

### **1 INTRODUÇÃO**

No mês de agosto, ao sul de Goiás, mais especificamente na cidade de Itumbiara, localizada a 204 quilômetros de Goiânia, acontece uma das mais tradicionais festas religiosas da região. Uma festa celebrada há 52 anos em louvor a Nossa Senhora das Graças, realizada nesta data por ocasião da Solenidade da Assunção de Maria ao céu. Uma festa que tem duração de 10 dias que seguem as celebrações das missas, terços e as coroações de Nossa Senhora e finalizando as noites com uma barraquinha de comidas típicas e um leilão. Os nove primeiros dias preparam os fiéis para o grande momento da procissão fluvial que movimenta a população da cidade e moradores das cidades vizinhas finalizando com uma missa campal.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria I - Jornalismo, modalidade JO 11 Livro-reportagem (avulso).

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e recém-graduada do Curso Jornalismo, email: anamariajornalismo@hotmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 4º Semestre do Curso Jornalismo, email: layanepalhares@gmail.com.

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso Jornalismo, email: lucienediasj@gmail.com.

O trabalho em questão busca fugir das limitações impostas pela perspectiva exclusivamente religiosa da festividade ou de delimitações do olhar de quem acessa o texto. A proposta não é reduzir ou elevar escolhas religiosas e sim revelar, por meio de depoimentos e da maneira como foi construído, as histórias vividas pelas pessoas em suas diferentes intensidades e motivos que as levaram a ter Nossa Senhora das Graças como sua Intercessora, uma Mãezinha, que é tratada por elas como uma pessoa próxima. Por intermédio dessas histórias, acreditamos poder gerar também um registro histórico que em nenhum outro momento foi feito por meio das vivências de pessoas que presenciaram em diferentes momentos, interligando com várias histórias das suas próprias vidas. A ideia é a exposição, via texto do jornalismo literário, da essência das pessoas. Estas, por sua vez, se mostraram dispostas a nos receber em suas casas, parar o que estavam fazendo, oferecer um cafezinho e nos contar lembranças de um passado às vezes muito distante. Esta relação de proximidade foi o que permitiu um entrelaçar de textos e vividos, além dos nos garantir, seguindo das pegadas deixadas por Geertz (1978) autoridade para a escrita.

## **2 OBJETIVO**

O objetivo geral foi o de, por meio de um livro-reportagem, contar histórias a partir das memórias de pessoas que participam da festa em louvor a Nossa Senhora das Graças, em Itumbiara/GO. Como específicos, tivemos os objetivos de:

1. Retratar a forte ligação existente entre essas pessoas comuns e a Santa, buscando entender o porquê de chamarem-na carinhosamente de Mãezinha, Intercessora, Protetora;
2. Retratar a capacidade de acreditarem naquilo que não se pode ver, tendo a partir dessa fé, a força para moverem suas vidas;
3. Registrar a história da festa por meio das histórias contadas pelos próprios fiéis, já que a mesma possui poucos registros escritos.
4. Exercitar a perspectiva humanizada da prática jornalística.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Queríamos realizar um trabalho que se aproximasse o máximo possível do que mais gostávamos de fazer, que era poder contar histórias de pessoas comuns, utilizando as diversas técnicas jornalísticas, mas não nos distanciando nunca da perspectiva da humanização (Medina, 1995). A busca se justifica porque sempre gostamos “das histórias

pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes” (Brum, 2006, p. 187). É nisso que acreditamos. Fazemos questão de mostrar sob o nosso olhar vidas consideradas pelo mundo como anônimas e insignificantes, mas que são exatamente o oposto, são extraordinárias.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Por que Itumbiara? Como uma de nós reside na cidade, seria mais fácil conseguirmos hospedagem, as ruas e bairros não seriam algo de outro mundo e as pessoas como em toda cidade interiorana se conheciam por parentesco ou mesmo de alguma situação, embora em algumas ocasiões jamais tenham se falado. Itumbiara é uma cidade relativamente pequena e como qualquer outra com este perfil possui uma praça principal, uma igreja matriz, comércios, sorveterias e pessoas simpáticas, mas um detalhe a diferencia de muitas outras, o Rio Paranaíba. Situado à margem direita do município, o rio recebe em suas águas correntes a procissão de Nossa Senhora das Graças toda segunda semana do mês de agosto.

Queríamos entrar nesse mundo seguindo o que Malinowski (1978) afirma ser a melhor forma de ter um bom êxito na pesquisa de campo: desejávamos conhecer e compartilhar da emoção dos participantes, da fé de moradores que se autodenominam fiéis e do seu amor por Nossa Senhora. O que sabíamos antes de partir em direção à cidade e conhecer alguns personagens era de alguns fatos históricos e de como começou a festa, mas não conhecíamos a dimensão do que iríamos encontrar e da riqueza de detalhes que aquelas pessoas tinham para nos passar.

Com Edvaldo Pereira Lima (1993) foi possível entender que o jornalismo tradicional não iria conseguir transmitir o que queríamos mostrar. Havia ali sentimento. História. Coisas estas que levaram as pessoas a chamar de Mãezinha, a mãe de Jesus. Era o querer estar próximo e ser íntimo de sua santa de devoção e recorrer a ela em todos os momentos. A ação de disponibilizar horas do seu dia em prol da realização de uma festa religiosa. Poderíamos ter escrito a narrativa utilizando a forma de transmitir informações tão recorrentes no jornalismo tradicional, mas, acreditamos que dessa forma, não conseguiríamos nos aproximar o suficiente dos entrevistados. Em função da própria rotina produtiva, não poderíamos captar toda aquela complexidade que estava nos aguardando.

O Jornalismo Literário foi o caminho que encontramos para sermos o mais fiel possível às lembranças daquelas pessoas cheias de vida e intimidade. Uma forma de

incorporar ao jornalismo a literatura, estendendo-o a este meio que permite fugir dos cárceres da atualidade e periodicidade. Queríamos expor a essência das pessoas. Pois eram pessoas dispostas a nos receber em suas casas, parar o que estavam fazendo, oferecer um cafezinho e nos contar lembranças de um passado às vezes muito distante. Tudo para ajudar duas estudantes dispostas a mergulhar em suas vidas e que estavam ali apenas para escutar. E graças a elas e a suas experiências de vida as páginas do livro foram enriquecidas com verdades e um sentimento puro de poder acreditar em coisas que não se podem ver.

No primeiro dia na cidade fomos até a Paróquia de Nossa Senhora das Graças conversar com o padre para que ele talvez pudesse nos sugerir possíveis entrevistados. Queríamos pessoas que participassem daquela comunidade há muito tempo e que tivessem guardadas na memória a história daquela igreja desde o seu tempo de capela. E assim que chegamos uma surpresa. Era um padre jovem que nos recebeu em uma sala repleta de livros, filmes e séries como Senhor dos Anéis, Harry Potter e Supernatural.

Com aquele primeiro encontro, percebemos que surpresas não iriam faltar durante aqueles 10 dias. O Padre Luis Fernando nos indicou algumas pessoas com o perfil que estávamos procurando e com os nomes e telefones nós começamos uma busca. Duas jovens sozinhas procurando endereços pelos quatro cantos da cidade. Era uma procura por pessoas até então desconhecidas que no final nos aceitaram com o coração aberto em suas casas, prontas para compartilhar informações pessoais em nome do amor e devoção a Nossa Senhora. E claro, em nome da boa e velha simpatia goiana.

Conseguimos com o Magué - um de nossos informantes – uma grande quantidade de fotos que ele arquivava em casa, algumas tiradas por ele, e muitas outras conseguidas com amigos. Um homem que demonstra nos olhos o amor por Nossa Senhora e dedica boa parte da sua vida para as coisas da igreja. Magué guarda com todo cuidado e carinho fotos desde o tempo em que a paróquia era apenas uma capela. E graças a ele e as suas fotos, conseguimos montar um acervo que contasse de forma satisfatória a história da igreja e da procissão.

Mantivemos contato com o Seu Milton, um senhor simpático que nos recebeu em sua casa com a esposa, Dona Nice. Chegamos sem nenhuma pergunta feita, apenas querendo ouvir o que ele tinha para contar, tendo apenas como foco a festa de Nossa Senhora e a procissão fluvial. E graças a essa abertura deixamos o Seu Milton falar por horas. Mais que isso, nos deixamos ouvir por horas as histórias que nos atraíram para Itumbiara.

Foi uma conversa que passou por sua infância, seu trabalho, sua família, sua chegada em Itumbiara e tantos outros assuntos. Assuntos que certamente não caberiam em nossos objetivos, mas como ainda não tínhamos ideia de como seria a estruturação das histórias resolvemos ouvir. Era melhor sobrar informações do que faltar, pois apesar de ser uma cidade próxima a Goiânia não tínhamos muitas oportunidades de voltar. E foi com o Seu Milton que tivemos a certeza do diálogo.

Logo nos lembramos de Cremilda Medina ao afirmar que “se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo” (Medina, 1995, p. 5). Conversávamos com no mínimo três pessoas por dia, usando o diálogo como a única forma de aprender com cada um. As perguntas emergiam de nossas bocas conforme íamos mergulhando mais e mais nas histórias que nos eram contadas. E em cada casa que nós fomos, saíamos com mais alguns nomes de possíveis entrevistados. Foram dias cansativos, mas de aprendizagem, daqueles que se tornam inesquecíveis.

Ouvimos um jovem de um grupo da paróquia, uma das senhoras mais importantes da cidade e ocupante de uma das cadeiras da Academia de Letras de Itumbiara, pessoas que cantam na procissão, que rezam o terço, que não têm medo da morte, que perderam os filhos, mas que se sentem felizes por eles estarem junto Dela, que nadavam atrás das dragas, que trabalham nas barraquinhas das quermesses, que fazem votos para receber graças, que sempre moraram no Bairro Nova Aurora e pessoas que vinham de longe para participar da Festa. No total, foram ouvidas 30 pessoas e destas escolhemos 14 histórias. Histórias impressionantes que nos arrancaram sorrisos, olhares de espanto e algumas lágrimas. Histórias que nos foram entregues como presentes por pessoas de diferentes idades e classes sociais e que agora fazem parte das nossas vidas.

E em todos os dias quando a fome batia seguíamos para a barraquinha em frente a igreja para comer a famosa *chica doida*, pamonha, caldo e o caribó, pratos típicos de “lamber os beiços”, feitos com tanto amor por pessoas que trabalhavam dia e noite naquela cozinha. E quando o calor estava demais nos refrescávamos tomando um açaí na Beira Rio, um calçadão que fica às margens do Rio Paranaíba.

No ponto alto da festa, quando em um domingo acontece a procissão, saímos preparadas para caminhar todo o percurso, tirar várias fotos e encontrar mais algumas histórias pelo trajeto. Eram três horas da tarde, não havia uma nuvem no céu e o sol castigava até mesmo aqueles que estavam acostumados com o calor da cidade. E ainda

assim várias pessoas foram se aglomerando na porta da igreja. Algumas vestidas de branco, outras descalças, outras com os filhos vestidos de anjo ou com o terço na mão. O sino começou a tocar e a imagem de Nossa Senhora saiu de dentro do portão da igreja sob um andor, cheia de flores, cercada por um cordão de isolamento de moças vestidas de azul e branco. Fogos, bandeirolas e gritos de viva arrancavam arrepios principalmente em quem via aquela cena pela primeira vez. Uma cena linda de se ver.

Quando a imagem chegou à margem do rio, as pessoas foram entrando nas dragas uma a uma para a parte fluvial do trajeto. Neste momento nós nos separamos, enquanto uma seguiu o trajeto no rio a outra correu para o apartamento de Dona Marilda, moradora de um prédio em frente ao rio, para que fotografias fossem tiradas do alto. Uma pessoa incrível que nos deu o prazer de uma conversa e de experimentar o doce cristalizado de casca de laranja que ficou marcado na memória.

A primeira coisa que nos vem à cabeça ao ver as dragas cheias de fiéis e vários barcos menores em volta é: “Como em 52 anos de procissão fluvial nenhum acidente aconteceu?” Por fim, após uma hora dentro do rio, todos chegam sãos e salvos ao fim do percurso e começam a desembarcar para continuar o trajeto por terra até a porta da igreja. Neste momento são tantas as pessoas aglomeradas que foi quase impossível nos encontrar novamente.

O fim da procissão chega, o sol desaparece e as ruas são tomadas por velas. Já na porta da igreja, a noite se encerra com uma missa campal. Com os pés doendo, já sem forças para levantar a máquina fotográfica, o que nos mantém ali até o fim são os rostos das pessoas. Desconhecidos, que apesar do dia cansativo estão felizes pela presença de Maria, Nossa Senhora, Intercessora, Mãe, Mãezinha ou qualquer outra denominação criada para deixar as pessoas mais próximas daquela força.

Acabamos de vivenciar o que os fiéis sentem neste dia. Percorremos todo o trajeto junto com elas, desde a caminhada por terra até o trajeto por água. Acompanhamos a celebração da missa campal, todos segurando velas. Um dia inteiro de fé e dedicação. Vimos muitos de nossos entrevistados e eles também nos viram e sorriram. Era como se realmente nos aproximássemos do que Geertz (1978) vivenciou quando realizava seus estudos etnográficos. Em Bali, ele assistia a uma briga de galos com sua esposa quando a polícia chegou e todos começaram a correr. Foi quando se viu também correndo e se escondendo juntamente com os outros. “Isso colocou-me em contato direto com uma combinação de explosão emocional, situação de guerra e drama filosófico de grande

significação para a sociedade cuja natureza interna eu desejava entender” (Geertz, 1978, p. 283).

Já em Goiânia, conciliando o trabalho com os estudos começamos a escrever aquelas histórias que ainda pareciam vivas dentro de nós. Porém, após todo o apoio teórico e com a certeza do que queríamos, decidimos voltar a Itumbiara, pois desejávamos mais. Era semana de Natal e levamos de volta para elas as fotografias que fizemos no dia da procissão e também as delas, como forma de agradecer por aquelas pessoas terem nos recebido tão bem. E acabamos por conversar ainda mais. Firmamos ali uma via de mão dupla, uma troca de afetos e amizades que jamais esqueceremos.

O resultado é um livro-reportagem que não possui uma classificação exata, pois transita dentro de diferentes tipos. Edvaldo Pereira Lima (2009) afirma que é possível na prática o enquadramento em mais de uma classificação. Elas podem se mesclar e combinar. Temos um material que ora transita entre o retrato, ora entre a história, mas sempre privilegiando as memórias. Contar as histórias das memórias daquelas pessoas foi o que fizemos e guardá-las por meio deste livro está sendo uma forma de sempre mantê-las vivas. E para registrá-las no olhar, todas foram fotografadas. Algumas aparecem de forma descontraída e espontânea, já outras por timidez ou costume, preferiram posadas. Mas não importa a forma, elas estarão lá marcadas, congeladas no tempo.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Para que o leitor possa se localizar melhor nas histórias, o livro inicia-se com uma breve introdução que relata a história tanto da festa, quanto da própria igreja, indo desde o surgimento de um pequeno rancho em 1947 até os dias atuais. É importante ressaltar que alguns dos dados históricos, desde a construção da capela, o surgimento da procissão, o início da festa até a atualidade foram extraídos do acervo Municipal de Itumbiara, e também por meio de um livreto escrito pelo Monsenhor Nelson Fleury, que foi entregue à população durante a procissão de 2005. Os demais fatos que contribuíram na elaboração histórica foram construídos através dos depoimentos dos entrevistados. Sem qualquer um destes elementos, nosso trabalho não seria realizado.

A introdução é seguida por uma carta de convite feita por uma das autoras para que ambas embarquem na realização do trabalho. É o olhar de uma verdadeira itumbiarensense que apresenta a cidade, as pessoas e que convida a colega para a prática do jornalismo literário. Seguem-se as 14 histórias, tendo cada autora escrito sete textos. Na abertura de cada

capítulo há uma foto e uma epígrafe que introduz o que será contando. Quanto à foto, ela é do próprio personagem, ou de algo que o represente. Com a epígrafe acontece a mesma coisa. Escolhemos frases que foram ditas pelo próprio personagem. Frases que acreditamos que elas deveriam ser lidas exatamente como nos foram ditas. O trabalho finaliza-se com outra carta onde a outra autora agradece pelo convite e relembra alguns dos momentos vividos por elas e todo o processo.

Queríamos que o título representasse algo presente em todas as histórias contadas e que chamasse a atenção. O que constatamos é que aquelas pessoas sempre viam Nossa Senhora como a mulher que intercede diante de Deus, uma mediadora, aquela que sempre oferta uma “mãozinha” para que as preces se realizem. Aquela que roga. Partindo disto, encontramos o apelo de rogar presente em pelo menos duas orações católicas: Na Ave-Maria, “Rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte” e na medalha de Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa, “Ó Maria concebida sem pecado, rogai a Deus por nós que recorremos a vós”. Por ser uma frase bastante presente nas orações daquelas pessoas, percebemos que ela poderia representar de forma completa o que o livro procura trazer.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

O livro-reportagem “Rogai Por Nós” surgiu da vontade de escrever histórias de pessoas desconhecidas, que sempre foi algo prazeroso para nós. Sempre acompanhávamos diversas situações com os olhos e ouvidos atentos, nada programado, eram apenas olhares sem pretensão que abocanhavam situações de seres que poderiam se tornar personagens da nossa realidade inventada. Histórias reais que transpassavam a imaginação nos convidando para pensar além de uma troca de palavras ou olhares.

Histórias que ganhavam uma vida além daquela já vivida por elas. No momento em que o lápis tocava o papel ou que os dedos rápidos encontravam o teclado, era o ápice de uma sensação inexplicável de poder interagir com o outro mesmo sem ser convidado, imaginando como pode ser a vida daquela pessoa fora dos nossos olhares.

O livro também foi uma forma de exercitar um formato jornalístico que se utiliza das construções narrativas permitindo que pudéssemos colocar pessoas comuns com histórias interessantes em primeiro plano. Foi também uma iniciativa para resgatar memórias e histórias que eram passadas de geração para geração pela oralidade e que se perdiam pelo tempo.



Os seis meses dedicados a esse trabalho foram de intenso crescimento pessoal e profissional, já que cada etapa exigiu habilidades diferentes aprendidas tanto na universidade quanto nos exercícios diários de reportagem, além de uma sensibilidade diante de pessoas que confiaram confidências de fé que marcaram suas vidas de uma forma extraordinária, seja através de um milagre, de um sonho ou de votos feitos e atendidos. Pessoas que acreditam em uma Intercessora, que durante o percurso a adoram com os pés descalços, que vestem seus filhos de anjos, que não conseguem conter as lágrimas durante a reza e que seguem fervorosamente pela terra e pela água até a igreja em um cortejo iluminado inicialmente pela luz do sol findando pela luz das velas.

O momento de escrever as diferentes histórias também foi muito complexo, pois tínhamos que escolher as palavras que melhor representassem aquele misto de sentimentos e medir a emoção para chegar o mais perto possível da realidade vivida pelos personagens e que nos foram ditas em sua maioria das vezes entre muitas lágrimas. Em nenhum momento queríamos julgar entre certo ou errado a religião daquelas pessoas e questionar a veracidade do que nos foi contado. Através da tentativa de uma imparcialidade de julgamentos conseguimos finalizar uma atividade que aliou compromisso técnico e ético, além de uma dosagem extraordinária de prazer.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

FLEURY, MONSENHOR NELSON RAFAEL. **Festa em louvor a Nossa Senhora das Graças**. Itumbiara, GO, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ITUMBIARA. Prefeitura de Itumbiara. Secretaria Municipal de Cultura.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4.ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relatório do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 1995.